



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i3.1441>



Notas sobre a subjetividade e o corpo em narrativas de mulheres fisiculturistas

Iasmim Leguissano dos Santos*

ORCID iD 0000-0002-1990-665X

Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Pelotas, Brasil

Silvana Vilodre Goellner*

ORCID iD 0000-0002-1990-665X

Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Pelotas, Brasil

Patrícia Lessa*

ORCID iD 0000-0002-8942-1308

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, Brasil

Luiz Carlos Rigo*

ORCID iD 0000-0001-9586-0182

Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Educação Física, Pelotas, Brasil

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar a percepção de mulheres fisiculturistas sobre os efeitos dessa prática em suas vidas. Com base no aporte teórico-metodológico da História Oral, foram entrevistadas seis atletas que disputam competições em nível nacional ou internacional e uma dirigente com experiência na modalidade. Essas entrevistas foram cotejadas com outras fontes, tais como

* Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduada em Nutrição pela UniCesumar. Email: iasmim.adsl@gmail.com.

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Email: vilodre@gmail.com.

* Doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB) e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Email: patricialessa13@gmail.com.

* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Email: rigoluizcarlos@gmail.com.

reportagens, documentos institucionais e produções acadêmicas. Dessa análise, emergiram dois temas: a potencialização dos seus corpos e a produção de suas subjetividades. A partir das suas narrativas, foi possível identificar que as atletas desestabilizam representações normativas de feminilidade, o que acabou por gerar a incidência de estratégias de controle sobre seus corpos. Para as entrevistadas, a autoestima e o empoderamento sobrepõem-se às adversidades que enfrentam para estar nesse esporte.

Palavras-chave: História Oral. Fisiculturismo. Esporte. Gênero.

Notes on subjectivity and body in narratives of female bodybuilders

Abstract: This study aims to analyze the perception of female bodybuilders about the effects of this practice on their lives. Based on the theoretical-methodological contribution of Oral History, six athletes who take part in national or international competitions and a manager with experience in the sport were interviewed. These interviews were compared with other sources, such as reports, institutional documents, and academic research. From this analysis, two themes have emerged: the empowerment of their bodies and the production of their subjectivities. From their narratives, it was possible to identify that the athletes destabilize normative representations of femininity, which ended up causing the incidence of control strategies over their bodies. For the interviewees, self-esteem and empowerment overcome the adversities they face to practice this sport

Keywords: Oral History. Bodybuilding. Sport. Gender

O fisiculturismo, também conhecido como *bodybuilding* ou culturismo, é uma prática esportiva cujas competições são caracterizadas pela apresentação de poses ou coreografias nas quais os/as atletas exibem corpos detalhadamente construídos, submetendo-os à avaliação de uma equipe de arbitragem. Os eventos oficiais são regulamentados pela Internacional Federation of Bodybuilding and Fitness (IFBB), órgão criado em 1946 com o intuito de organizar campeonatos de nível mundial, continental, regional e nacional que tem a Confederação Brasileira de Culturismo e Fitness (CBMFF), conhecido como IFBB Brasil, como uma de suas associações filiadas.

A regulamentação dos eventos de exibição de músculos potencializados revela uma das faces do processo de esportivização¹ dessa prática corporal, na medida em que passou a agregar características típicas do esporte moderno, como, por exemplo, a organização em formato de federações nacionais e internacionais, a realização de competições e a burocratização. É nesse contexto que surge, na Inglaterra, no ano de 1948, a primeira competição internacional de fisiculturismo promovida por uma

1 A ideia de processo de esportivização do fisiculturismo está inspirada nos estudos de Nobert Elias e Eric Dunning (1992), sobretudo quando indicam que, desde o século XIX, algumas práticas passaram por um processo de regramento e reconfigurações, de modo a se constituírem em modalidades esportivas baseadas na codificação, na normatização, na institucionalização e na universalização dos modos de praticá-las.

entidade esportiva, a National Amateurs Body-Builders ' Association (NABBA), que promoveu um evento com a participação exclusiva de homens (Lessa; Santos, 2020).

Apesar de não ser objetivo deste artigo historicizar a presença das mulheres na modalidade, cabe ressaltar que desde o final do século XIX há registros de apresentações de *strongwomen* em espetáculos artísticos e de demonstrações de força física, especialmente na Europa e nos Estados Unidos (Goellner; Fraga, 2004; Chapman; Vertinsky, 2010).

Apesar de essas aparições datarem de muito tempo, a inserção das mulheres no fisiculturismo tardou a acontecer. No nível competitivo, destaca-se o pioneirismo de Elisabeth Lamb, que, em 1966, conquistou o primeiro lugar em uma competição promovida pela NABBA, e Lysa Lion, que se sagrou campeã no *Women's World Pro Body Building Championship*, realizado em Los Angeles, em 1979, o primeiro campeonato organizado pela IFBB contendo categorias femininas (Schwarzenegger, 2001).

Apesar de a história oficial do fisiculturismo tender para uma certa invisibilização das mulheres (Jaeger, 2009), a presença delas nas competições resulta de processos de disputa, inclusive no que diz respeito às questões de gênero. As atletas que ostentavam musculaturas exacerbadas desacomodaram representações assentadas na fragilidade das mulheres, ideário que por muito tempo assentou representações de feminilidade. A presença das fisiculturistas nas arenas esportivas desnaturalizou essas representações, evidenciando que o modelo binário, ancorado na pressuposição da existência de dois sexos distintos, os quais originam saberes sobre ser homem e ser mulher, fixando representações de masculinidade e feminilidade, mais do que uma verdade, poderia ser entendido como uma construção narrativa.

Aspectos como esses fizeram com que a modalidade adotasse diferentes modos de regulamentar as competições, ora promovendo avanços, ora retrocedendo, por entender que a potencialização muscular ilimitada poderia macular não só uma imagem ideal de mulher, mas, ainda, questões relacionadas à estética e à saúde das atletas. Em 2005, por exemplo, a IFBB emitiu uma declaração exigindo que todas as mulheres que desejassem competir nos eventos organizados pela instituição deveriam “reduzir a sua massa muscular em 20% do estágio individual atual, além de uma busca pelo máximo de feminilidade possível, sob pena de perda de pontos na classificação geral em campeonatos” (Galbraith, 2005, p. 1).

Decisões como essa revelam que o processo de esportivização do fisiculturismo esteve fortemente marcado por discursos e práticas generificadas e, ao mesmo tempo, generificadoras, reafirmando as diferenças de gênero a partir de representações normalizadas de feminilidade e masculinidade.

Na década de 1970, quando despontavam os primeiros campeonatos entre mulheres, não havia uma clara separação entre as modalidades de culturismo, *powermen/women*, *strongmen/women*, halterofilismo, entre outras (Jaeger, 2009; Estevão; Bagrichesky, 2002), o que implica dizer que, de modo geral, não era especificado como se caracterizava a competição da qual as atletas participavam. No início, todas

integravam a categoria *bodybuilder*, apenas posteriormente foi inserido um modo distinto de classificação em função da ideia de que a tonificação muscular maculava a feminilidade. Nesse sentido, a participação das mulheres foi estruturada a partir de diferentes categorias que foram baseadas em padrões relacionados, por exemplo, ao volume, à definição muscular e, até mesmo, ao uso de adereços.

Atualmente a IFBB categoriza seus campeonatos contendo disputas diferentes para os homens e para as mulheres. Enquanto eles competem no *Muscular Men's Physique*, no Fisiculturismo ou *Bodybuilding*, no Fisiculturismo Clássico, no *Men's Classic Bodybuilding*, no *Men's Fitness*, no *Games Classic*, no *Classic Physique*, no *Men's Wheelchair Bodybuilding*, elas disputam o *Fitness Coreográfico* ou *Woman's Fitness*, o *Bodyfitness*, o *Bikini Fitness*, o *Woman's Physique* e o *Wellness Fitness*.

Se atentarmos para a denominação das categorias, observamos que o modo de posicionar as mulheres nas disputas privilegiam elementos alusivos ao bem-estar e à estética. Com isso estamos afirmando que, além da construção de uma arquitetura muscular volumosa, as atletas do fisiculturismo precisam “cuidar meticulosamente as aparências compondo uma silhueta que dilua a ambiguidade dos seus corpos, ressaltando alguns atributos que conformam uma feminilidade normalizada” (Jaeger; Goellner, 2011, p. 89).

Considerando esse contexto, este artigo tem como objetivo analisar a narrativa de atletas brasileiras que participam de competições de fisiculturismo focalizando aspectos relacionados com a produção de seus corpos e suas subjetividades. Está fundamentado nos Estudos de Gênero, que, apesar de multifacetado, têm como pressuposto o entendimento de que tanto o sexo como o gênero são construções sociais e linguísticas que produzem os sujeitos, os seus corpos e as suas subjetividades (Butler, 2018). Diante dessa premissa, compreendemos que não existe uma divisão fundamental entre o corpo e os sentidos que lhes são atribuídos, visto que os sujeitos constroem suas arquiteturas corporais por intermédio de experiências cuja materialidade é forjada em meio a uma profusão de discursos e práticas sociais (Fausto-Sterling, 2002).

Na literatura acadêmica e esportiva é possível identificar pesquisas com foco nas fisiculturistas analisando questões como o consumo de esteroides anabolizantes, as transformações em sua aparência física, as representações de feminilidade e, em alguns casos, o seu processo de subjetivação (Sabino, 2002; Lessa, 2005; Estevão, 2005; Jaeger, 2009; Santos; Santos, 2017). No entanto, ainda são escassos os estudos que utilizam a História Oral como perspectiva teórico-metodológica, um dos fatores que justifica esta investigação. Partimos do entendimento de que tal perspectiva

[...] permite ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas. (Pathai, 2010, p. 124).

Cientes de que as fisiculturistas ainda são sub-representadas na história oficial da modalidade, pretendemos evidenciar o protagonismo delas em um esporte no qual os homens e a masculinidade são tomados como referência. Trata-se de olhar para uma modalidade – o fisiculturismo feminino – que, na hierarquia do esporte, parece ter, ainda, reduzida visibilidade. Ouvir as atletas e socializar suas narrativas é um modo de valorizar suas histórias e reconhecer os desafios que elas enfrentam para acessar um espaço permeado por disputas de poder, representatividade e significação.

Trajetó metodológico

A pesquisa está fundamentada no aporte teórico-metodológico da História Oral (Thompson, 1992; Amado; Ferreira, 1998; Montenegro, 1997, 2010; Alberti, 2004; Meihy, 1998, 2007). O uso das fontes orais deu-se em uma perspectiva de que elas nos possibilitam “construir outras formas de compreensão, que desnaturalizam a relação ou a representação que procurava associar de forma unívoca o objeto ou a coisa à palavra” (Montenegro, 2010, p. 31). Assim, as narrativas produzidas pelas fisiculturistas representam o modo como percebem sua inserção nessa modalidade e alguns aspectos decorrentes da esportivização dessa prática.

Acessar as memórias, os sentimentos e os significados que atribuem às suas trajetórias implicam entender o passado no presente a partir do modo como os sujeitos rememoram o acontecido (Meihy, 1998, 2007).

Visando captar os sentidos que atribuem às suas vivências esportivas, foram entrevistadas seis atletas brasileiras filiadas à IFBB Brasil e uma dirigente da Federação Brasileira de Fisiculturismo – no caso, a vice-diretora da IFBB Brasil Margarete Rodrigues. A escolha das entrevistadas foi intencional e como critério de inclusão selecionamos fisiculturistas que possuíssem experiência em competições nacionais e/ou internacionais tentando contemplar as diferentes categorias do esporte. São elas: Carla Lobo (*Fitness Coreográfico*), 50 anos, residente em Brasília (DF); Camile Marins (*Bikini Fitness*), 37 anos, moradora de Saquarema (RJ); Keli Calezare (*Wellness*), 32 anos, gaúcha de Guaporé (RS); Daiany Souza (*Bodyfitness*), 31 anos, residente em São Paulo (SP); Valeska Gomes, (*Bodyfitness*), 27 anos, residente em Manaus (AM) e Alessandra Santos (*Woman's Physique*), 26 anos, moradora de Santa Maria (RS).

As entrevistas foram feitas individualmente no ano de 2021 e contemplaram as etapas de elaboração do roteiro, realização, transcrição, copidesque, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorização para o uso na pesquisa mencionando seus nomes. Essa opção corrobora com a premissa levantada por Alessandro Portelli (2016 p. 216), quando ressalta que sempre que for possível é fundamental revelar o “nome e sobrenome dos narradores, reconhecendo-os como autores de suas histórias”.

Em decorrência da pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas de modo remoto, por meio da plataforma Zoom, que se mostrou vantajosa pela facilidade de acesso às atletas e pela possibilidade de gravar em vídeo e, posteriormente, converter a imagem em áudio com ótima qualidade, facilitando a realização de uma transcrição mais precisa (Silva, 2022).

As entrevistas foram cotejadas com outras fontes, como reportagens publicadas em jornais, documentos das instituições reguladoras do fisiculturismo e produções acadêmicas. Do entrecruzamento das fontes de pesquisa, identificamos que dois temas foram recorrentes nas narrativas das entrevistadas quando descreviam os efeitos do fisiculturismo em suas vidas: a potencialização dos seus corpos e a produção das suas subjetividades.

Corpos potentes e performantes

No ano de 2019, o fisiculturismo passou a integrar as modalidades disputadas nos Jogos Pan-Americanos, sob a classificação de “esportes inusitados”. Carla Lobo, então com 48 anos, participou da competição na categoria *Fitness*, a única disputada por mulheres. Ao analisar seu pioneirismo, relata em entrevista a Spallicci (*apud* Santos, 2021, p. 131): “É uma honra representar o País na estreia da modalidade. É indescritível o tamanho da minha emoção. Essa conquista é fruto de muito trabalho. Além de atleta, sou *personal trainer* e tenho três filhos. Administrar casa, trabalho e competições não é fácil, mas me sinto feliz e grata por ter essa missão”.

A entrada do fisiculturismo nos Jogos Pan-Americanos reforça aquilo que denominamos de processo de esportivização (Elias; Dunning, 1992), o que tem demandado uma reestruturação de seu acontecer cotidiano e apresenta como ápice a sua aceitação como uma das modalidades integrantes do maior e mais significativo evento esportivo mundial: os Jogos Olímpicos. Tal anseio ainda não se concretizou, e um dos motivos para esse rechaço está relacionado ao consumo de esteroides anabólicos androgênicos, o que caracteriza uma forma de *doping*, atitude que macula a ética da competição esportiva. A utilização de substâncias que possibilitam melhorar artificialmente a performance não é algo estranho às mais diferentes modalidades esportivas, todavia, no fisiculturismo as controvérsias em torno desse tema ganham maior visibilidade, principalmente porque muitos praticantes as utilizam (Wintermantel; Wachsmuth; Schmidt, 2016). Como observou uma das atletas entrevistadas: “a gente sabe que sempre tem pessoas que mostram uso de recursos ergogênicos como uma forma irresponsável, a gente sabe que tem isso. Então talvez o preconceito das pessoas venha em função disso” (Keli Calezare, 2021).

A tentativa de unificar o controle sobre a dopagem de atletas resultou na criação, em 1999, da Agência Mundial Antidopagem (Wada, do inglês World Anti-Doping

Agency), uma entidade independente, sem vínculos com federações, empresas ou governos, a qual, desde então, é responsável por elaborar os códigos de conduta que formalizam as políticas esportivas em todos os países. Uma das estratégias em curso foi oficializada em 2009, sob a denominação de “Programa Passaporte Biológico”, que se caracteriza como um protocolo baseado em amostras de sangue coletadas aleatoriamente com o objetivo de vigiar com constância cada atleta individualmente (Silveira; Rigo, 2015). Camile Marins, que compete na categoria *Bikini*, explicita como se dá esse monitoramento:

Quando você é cadastrado, como eu fui, em esporte olímpico, eles podem te ligar, eles batem na porta da sua casa a qualquer momento para fazer o seu *antidoping*. Então não existe isso de você ter regras de tomar aquele anabolizante que sai em 60 dias, que sai em 48 horas. Não. Porque, a partir do momento que você é cadastrado lá, a qualquer momento eles podem te ligar. (Camile Marins, 2021).

A narrativa da atleta detalha aspectos peculiares de uma biopolítica específica, compreendida aqui como a gestão estatal do corpo e da vida da espécie humana (Foucault, 1987, 1988). Segundo Viviane Silveira (2014, p. 211):

A WADA constrói uma cultura de vigilância sobre o corpo atleta, não somente um disciplinamento dos corpos atléticos, mas também um governo sobre a saúde e o desempenho tanto dos atletas de alto rendimento, como também expandindo suas ideias de esporte e saúde para toda população, posto que o corpo atleta é considerado como a norma do corpo saudável.

Os investimentos sobre a inspeção de atletas, sobretudo aqueles e aquelas que apresentam desempenhos exacerbados, presentificam-se em todas as modalidades esportivas, ainda que em algumas seja mais efetiva. Em 2016, ano de realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio de Janeiro, a Wada publicou um documento informando o número de amostras classificadas como *doping* em várias modalidades esportivas, dentre as quais quatro ultrapassam o percentual de 10%: o atletismo (13%), o fisiculturismo e o levantamento de peso (12%) e o ciclismo (10%) (Wada, 2016, p. 39).

Associar o fisiculturismo ao *doping* movimentava percepções diferenciadas entre as atletas. Keli Calezare identifica certa discriminação com a modalidade, pois entende que o *doping* está presente em muitos esportes.

Acredito que essa discriminação com o fisiculturismo ocorre porque ele é o único esporte que o resultado aparece no corpo, o resultado do trabalho, do treino e de todo o contexto aparece no corpo. E acredito que, por aparecer no corpo e aparecer tanto, tem uma discriminação tão grande diferente dos outros, porque é uma coisa que difere muito. O fisiculturismo é um esporte totalmente extremo

aonde tu vais ao extremo no treino da mesma forma que outros atletas vão ao extremo no treino de maratona, um maratonista, um ciclista, enfim, porém a gente acaba mostrando isso de forma explícita, porque está ali, o que a gente está fazendo está ali. Então eu acho que é por isso: porque a gente mostra no corpo. Nossa performance é diferente de um corredor, um ciclista, que tem um corpo ‘normal’, de uma pessoa ‘normal’, mas que também precisa fazer uso de várias substâncias para poder melhorar a velocidade, a força. Enfim, acredito que seja bem por esse lado mesmo (Keli Calezare, 2021).

Carla Lobo, que atua na categoria de *Fitness Coreográfico*, reclama de haver, no universo das mídias, a tendência de expor mais o fisiculturismo do que as outras modalidades esportivas quando o assunto é o uso de *doping*. Na sua percepção, isso ocorre porque no fisiculturismo é necessário “apresentar o corpo, né. E tem substâncias que ficam muito tempo” (Carla Lobo, 2021). Daiany Souza, competidora do *Bodyfitness*, salienta que o uso frequente de substâncias que potencializam as arquiteturas corporais se dá porque sua ingestão é capaz de interferir de maneira imediata nos resultados:

Eu acho que acontece porque na musculação, no fisiculturismo, se você não usar hormônios, as coisas não vão fluir, entendeu? Pode até fluir, mas tem certa demora. Mesmo eu, usando hormônios, não consegui chegar no que era para eu ter chegado, nos 12 quilos. Só consegui aumentar 8 quilos. Então no fisiculturismo não tem como não usar hormônios. Não tem como. (Daiany Souza, 2021).

Entretanto, diferentemente do que muitos acreditam, os anabolizantes por si só não são suficientes para aumentar a força e o volume muscular. Segundo Baechle e Earle (2009), o nível de massa muscular depende do potencial genético de um indivíduo (a quantidade de mitocôndrias nos músculos que favorecem a regeneração), não da forma como o/a atleta promove o crescimento muscular, a intensificação do treinamento ou o uso de drogas.

Muitas vezes, a visão estereotipada do fisiculturismo como produto do uso de anabolizante é a que predomina, inclusive no meio esportivo, o que, segundo Camile Marins, revela um olhar conservador sobre corpos hipertrofiados e impede a percepção de que essa prática não se reduz a “tomar bomba, comer muito macarrão e arroz e subir. O Fisiculturismo é muito longe disso. É muito além disso” (Camile Marins, 2021). Esse olhar ignora a extenuante rotina de quem se dedica ao aumento de seus músculos. Margarete Rodrigues, dirigente da IFFF, atesta que essa visão reduzida subestima práticas do/a atleta que

[...] acorda às cinco horas da manhã, faz cárdio em jejum; que chega à meia-noite em casa e tem que preparar todas as marmitas; que dorme três, quatro horas por dia, que treina no horário que dá, às vezes ao meio-dia, no horário de intervalo, que vai de noite treinar na academia, que tem outro cárdio para fazer para finalizar.

(Margarete Rodrigues, 2021).

Tais afirmações indicam que o fisiculturismo produz modificações corporais advindas da hipertrofia muscular, que é obtida por meio de treinos intensos e de uma rígida dieta alimentar e, portanto, não pode ser associada apenas ao uso de recursos ergogênicos.

Apesar dos riscos associados à ingestão dos esteroides anabolizantes, muito/as atletas recorrem a esse recurso por se sentirem em desvantagem em relação àqueles/as que os utilizam e por essa razão são favoráveis à sua liberação. Valeska Gomes, participante da categoria *Woman's Physique*, defende que a questão do *doping* deveria ser revista pelos organizadores dos campeonatos. Em suas palavras:

No brasileiro que eu participei, que foi agora em 2019, a Confederação Antidoping estava lá. Aí estava todo mundo desesperado [...], mas eu acho também que, se chegar uma lei dizendo que no fisiculturismo não vai ser feito *antidoping*, mais uma vez o nosso esporte vai ser colocado em cheque. (Valeska Gomes, 2021).

Essas controvérsias, quando relacionadas às mulheres, contêm agravantes, por haver o entendimento de que para elas é mais difícil hipertrofiar o corpo do que para eles. Essa visão perpassa o estudo empreendido por Estevão (2005), no qual as fisiculturistas relatam como e por que apelam às substâncias reconhecidas como ilegais. Apesar de reconhecerem os riscos e, inclusive, presenciarem a morte de colegas pelo consumo excessivo dessas drogas, justificam seu uso em função das vantagens que percebem no desenvolvimento de sua musculatura. Na fala de uma delas: “se você fizer tudo certo, usar as drogas corretamente, certamente não vai morrer [...]. Só que realmente tem que fazer certinho, aí vale a pena” (Estevão, 2005, p. 53).

No âmbito competitivo, a presença de mulheres tem aumentado significativamente. Em sua entrevista, Margarete Rodrigues, então presidente da Federação de Bodybuilding e Fitness do Rio Grande do Sul (IFBB-RS), assinala que desde 2010 tem havido um acréscimo no número de participantes. “Hoje 30 ou 40% dos meus atletas que sobem no palco são mulheres” (Margarete Rodrigues, 2021). Na sua visão, o fisiculturismo mundial tem passado por uma grande evolução e desenvolvimento desde o período em que começaram as competições. Para Anne Bolin (2001), a reintrodução do treinamento de resistência para mulheres atletas nos anos 1950, o movimento feminista dos anos 1960 e a explosão do *fitness* nos anos 1970 foram determinantes para fomentar a adesão de mulheres a práticas corporais e esportivas outrora negadas a elas, como, por exemplo, o fisiculturismo.

O desenvolvimento da modalidade não resultou na plena aceitação dos corpos hipertrofiados. À medida que as atletas começaram a exibir musculaturas opulentas, as entidades reguladoras do esporte criaram normativas com o objetivo de cercar o incremento do volume muscular das competidoras, inclusive porque lhes conferia uma

aparência masculina (Lessa, 2005). Segundo Margarete Rodrigues:

Os caras estavam destruindo as mulheres. Mas tu achas que uma entidade como a IFBB ia querer ver as atletas todas destruídas? Não. [...] A deformidade no rosto, masculinização, aquele volume muscular muito grande, realmente se apresentando uma pessoa muito masculina... A IFBB, como entidade, não quer isso. Aí nós tiramos o *Bodybuilding*, porque realmente ficou muito aquém. Começou a deturpar a imagem. Ficou feio. E outra, não apresentava um aspecto saudável da mulher. Porque ela já se apresentava no palco sem cabelo. Então tu estás vendo, né. Então isso foi banido. (Margarete Rodrigues, 2021).

As federações de culturismo, ao mudar o foco dos *shows*, as regras de apresentação, os padrões corporais e o vestuário dos/as atletas, tiraram do centro os princípios constituidores do fisiculturismo que são assentados na hipertrofia, na simetria e na definição muscular (Botelho, 2009). A exclusão da categoria *Bodybuilding* para as atletas exemplifica essa afirmação, porque elimina uma prova que valoriza esses princípios, indicando que eles não são desejáveis para as mulheres. Situações como essa indicam o quanto as arquiteturas corporais das fisiculturistas desestabilizam representações de gênero e sexualidade (Young, 2015), na medida em que tornam visível a inexistência de uma representação singular de feminilidade. A repulsa que recai sobre seus corpos demanda negociações cotidianas, as quais não ocorrem apenas nas arenas esportivas. Para reafirmar suas escolhas, muitas vezes consideradas transgressoras, elas precisam se posicionar e, ao fazê-lo, produzem suas subjetividades.

A produção de subjetividades empoderadas

Participar de uma atividade que é avaliada pela muscularidade exige das atletas investimentos e desafios que extrapolam os aspectos específicos do esporte, sobretudo quando se aproximam de signos corpóreos associados à masculinidade (Choi, 2013). Ao visibilizar modos de ser e comportar-se que contestam padrões de feminilidade, as praticantes de fisiculturismo também produzem a sua subjetividade, cujas fabricação e modelagem acontecem essencialmente no registro do social (Guattari; Rolnik, 1996). Na defesa de seus direitos, recorrem a múltiplos argumentos. Em sua entrevista, Daiany Souza relata episódios de preconceito e como os enfrenta:

Primeiro, a minha mãe sempre achou um esporte meio... ‘Músculo é para homem’. Ainda rola aquele ‘meio que’ preconceito com várias pessoas. Até mudar isso, acho que ainda vai levar um bom tempo. Então, para mim, primeiro eu pensei assim: se é algo de que eu gosto e com que eu me sinto bem, está ótimo. Não precisa

ninguém achar que está bom ou que está ruim. Quem tem que achar que está bom sou eu. (Daiany Souza, 2021).

Os discursos que questionam sua presença nos espaços de modelagem corporal não as impedem de se orgulhar do próprio corpo, muitas vezes identificados como uma antítese à feminilidade. Recusando o conformismo dessas representações, elas experimentam situações que provocam rupturas nas normas de aceitabilidade social de gênero e sexo (Kaye, 2015).

Em 2019, ano em que o fisiculturismo estreou nos Jogos Pan-Americanos, a Federação de Bodybuilding e Fitness do Rio Grande do Sul tinha 77 atletas filiadas registradas da seguinte forma: 3 na categoria *Woman's Physique*, 12 na *Bodyfitness*, 13 na *Bikini Fitness* e 49 na *Wellness Fitness*. Segundo o site da IFBB RS (2018, n.p.), essa última categoria envolve

[...] atletas que possuem os glúteos e coxas mais volumosos, porém desenvolvidos segundo a forma feminina natural, deixando o físico volumoso, mas que em nada lembre as atletas das outras categorias que exibem maior volume, mas, com mais densidade, separação e definição ente os grupos musculares. Por fim, as atletas da categoria 'Wellness' devem ter uma forma natural e firme com baixo percentual de gordura. O volume do músculo não pode ser muito grande e é analisada também a beleza, presença de palco e simpatia.

Na percepção da dirigente da entidade, essa preferência se dá

Por causa do formato do corpo mesmo. E outra, corpinho de *Body Fitness*, se tu não nasceres para aquilo ali, é difícil. Porque, veja bem, tu tens que ter o *shape* em y, o glúteo pequeno que nem de uma *Bikini*, e a brasileira não é assim. A categoria *Body Fitness* é uma categoria muito difícil, porque a atleta vai 'depletar', se não cuidar o glúteo fica murcho. E a *Women's Physique* é difícil. Todo mundo quer ser *Wellness*. (Margarete Rodrigues, 2021).

Alessandra Santos, competidora na categoria *Woman's Physique*, que também valoriza um físico "menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável" (Alessandra Santos, 2021), tece as seguintes considerações:

O fator 'preconceito' da nossa sociedade, ainda mais aqui no Sul, porque no Rio Grande do Sul, pela questão da tradição e tudo mais, é um pouco, digamos, assusta muito aos olhos de quem vê. É que nem eu te mencionei, outro dia eu fui no supermercado e um idoso ficou me olhando apavorado, assim. É algo que aqui a cultura é muito fechada, digamos assim. Tu sais do estado e vês muito mais mulher musculosa, outros padrões corporais que aqui não é tão comum de ver. (Alessandra Santos, 2021).

O olhar do outro, assim como o contexto cultural no qual os corpos são visibilizados, impacta quem observa e quem é observado. As anatomias dissonantes que se atribuem às fisiculturistas são assim percebidas em decorrência dos músculos grandes e/ou visivelmente estriados, da perda de marcadores femininos como, por exemplo, o tecido mamário e dos efeitos masculinizantes do uso imaginado ou real de anabolizantes (Shilling; Bunsell, 2009). Ainda assim, vale ressaltar que a percepção de tal desvio como algo negativo não é, de forma alguma, universal ou incontestável.

É uma imagem que as pessoas não estão acostumadas a ver, afinal a gente elimina praticamente toda a gordura corporal e fica só com os músculos à mostra, com os cortes musculares, então é uma visão agressiva, porque a gente mostra o corpo humano como ele é, [...] então com certeza causou uma estranheza eu escolher esse esporte que ninguém conhecia. Mas minhas amigas amaram. Quando comecei a competir, [elas] comentavam isso. Eu tive uma receptividade muito boa quando escolhi o esporte. (Keli Calezare, 2021).

O argumento de Durkheim (1995), de que o desvio existe não porque as pessoas se envolvem em atos que são inerentemente desviantes, mas porque suas ações chocam a consciência coletiva, parece particularmente aplicável às mulheres fisiculturistas. Seus comportamentos e suas aparências ofendem as sensibilidades culturais daqueles que veem como naturais as distinções sociais que separam homens e mulheres, masculinidade e feminilidade.

Para as atletas entrevistadas, as reações adversas que percebem em relação aos seus corpos não são empecilhos para a sua socialização dentro e fora do esporte. Carla Lobo, ao mencionar que por volta de 80% das pessoas se assustam quando enxergam mulheres fortes, salienta que ela se encontrou nesse mundo, pois é nele “onde eu gosto de estar, é onde eu gosto de sair, eu gosto de fazer as coisas” (Carla Lobo, 2021). Daiany Souza é assertiva em sua declaração: “Eu não me importo. A única coisa que às vezes eu ainda falo é: igual a mim não vai ficar mesmo, porque é muito difícil chegar aqui” (Daiany Souza, 2021).

Os múltiplos investimentos necessários para esculpir seus corpos lhes outorgam autoconfiança e soberania sobre seus desejos e vontades: “Faço o que eu quiser, na hora que eu quiser, com a dieta que eu quiser. Tenho domínio sob o meu corpo, faço dele o que eu quiser. E isso é fantástico. Domínio da mente, domínio do corpo” (Carla Lobo, 2021). Para Alessandra Santos, a prática do fisiculturismo foi determinante para melhorar o modo como via a si mesma: “Comecei a treinar, emagreci, comecei a melhorar a minha autoestima, a tirar fotos. Eu tinha vergonha [...]. Acho que nunca mais vou me importar com o que os outros pensam, com o preconceito, porque eu gosto do que vejo e aí o resto, se não gosta, se gosta, paciência. É simples assim!” (Alessandra Santos, 2021).

Tais narrativas apontam o quanto a escolha e a gestão sobre o próprio corpo

integram os modos como essas mulheres se reconhecem e se posicionam no mundo. Para elas, o músculo não estraga a mulher, pelo contrário, lhes proporciona outras aparências e fisicalidades:

É questão estética também, eu gosto de estar assim, gosto de me sentir bem, gosto de olhar no espelho e ver do que eu gosto. Então essa questão da abdicação vai além do esporte. Além de fazer por amor, eu também gosto muito do que vejo no espelho, gosto muito de ver como o meu corpo fica fazendo as escolhas que faço. Então sei que se eu fizer outras escolhas o meu corpo vai responder de uma forma que talvez eu não goste tanto e aí isso vai interferir, talvez, na minha autoestima, talvez eu não fique tão confiante, talvez comece a escolher roupas mais largas, talvez não tenha o mesmo sentimento de empoderamento, talvez não fique tão à vontade com o meu marido, outras questões que a gente sabe que faz parte da autoconfiança da mulher. Hoje estou muito bem e à vontade com o que conquistei. (Keli Calezare, 2021).

Ao refutarem as representações que fixam modos de ser a partir de uma suposta linearidade entre sexo, gênero e sexualidade (Louro, 1997), as fisiculturistas que protagonizam este estudo escapam da norma e, por meio de seus corpos e subjetividades, demonstram que as feminilidades são construídas e marcadas pela multiplicidade.

Considerações finais

O processo de esportivização do fisiculturismo no Brasil promoveu uma série de controvérsias relativas à aparência corporal das atletas. A exibição de corpos de mulheres hipertrofiadas rasurou muitos dos binarismos que circulam nossa sociedade, inclusive aqueles que pautam a organização das instituições esportivas. Foi nesse contexto que emergiram uma série de discursos e práticas voltados para a vigilância, o controle e a punição. Anabolizantes, aparência masculinizada, padrões estéticos e danos à saúde foram alguns dos temas acionados para cercear a potencialização muscular delas que, para permanecer na modalidade, precisaram se adequar a condutas voltadas para a preservação de uma dada feminilidade. Agregada a esse motivo, a tentativa de corrigir o que foi identificado como desvio “emergiu como uma estratégia comercial montada por aqueles que estruturam o esporte para capturar um maior número de espectadores, sensibilizar patrocinadores, interpelar atletas e ampliar a visibilidade do esporte” (Jaeger, 2009, p. 108). Essa intencionalidade está expressa na descrição que a IFBB RS faz da categoria *Wellness*, criada com o objetivo de “agregar e levar aos palcos uma boa parcela das mulheres brasileiras frequentadoras das academias e salas de ginástica, que tinham o desejo de competir, porém, não se enquadravam em nenhuma das outras categorias

existentes” (IFBB RS, 2018, n.p.).

As atletas entrevistadas para este estudo relevam possibilidades diferenciadas de vivenciar o fisiculturismo, um esporte em que é comum o desejo de construir uma arquitetura corporal que atende tanto os seus anseios pessoais quanto os critérios de julgamentos de suas exibições e performances. Nesse sentido, é possível afirmar que o envolvimento de cada uma delas na produção de um novo reordenamento muscular constrói suas subjetividades concomitantemente ao processo de mutação de seus corpos.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.
- BAECHLE, Thomas R. W.; EARLE, Roger W. *Fundamentos do treinamento de força e condicionamento físico*. 3. ed. Barueri: Manole, 2009.
- BOLIN, Anne. Bodybuilding. In: CHRISTENSEN, Karen; GUTTMANN, Allan; PFISTER, Gertrud (Org.). *International encyclopedia of women and sports*. v. 1. New York: Macmillan Reference, 2001. p. 145-152.
- BOTELHO, Flávia. Mestriner. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. *Habitus*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11307>. Acesso em: 8 dez. 2024.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16. ed. São Paulo: José Olympio, 2018.
- CHAPMAN, David; VERTINSKY, Patricia. *Venus with biceps: a pictorial history of muscular women*. New York: Arsenal Pulp Press, 2010.
- CHOI, Precilla Y. L. Muscle Matters: How to Keep Men’s and Women’s Differences Visible. *Sexualities, Evolution & Gender*, v. 5, n. 2, p. 71-81, 2013.
- <https://globoesporte.globo.com/blogs/brasil-em-toquio/post/2018/01/09/fisiculturismo-stand-up-surf-longboard-e-poomsae-as-novidades-do-pan-2019.ghtml>. Acesso em: 8 dez. 2024.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel Difusão, 1992.
- ESTEVÃO, Adriana. Prática do fisiculturismo: significados. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 24, p. 41-57, jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/727>. Acesso em: 8 dez. 2024.
- ESTEVÃO, Adriana; BAGRICHEVSKY, Marcos. Antítese ou reinvenção da feminilidade? As mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da “malhação”. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 19, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/>

article/view/955. Acesso em: 8 dez. 2024.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 17-18, p. 9-79, 2002.

IFBB RS - FEDERAÇÃO DE BODYBUILDING E FITNESS DO RIO GRANDE DO SUL. Wellness Fitness. *IFBB RS*, 2018. Disponível em: <https://www.ifbbrs.com.br/categorias/wellness-fitness/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

GALBRAITH, Christiano. Seção The Iron News. *Jornal de Musculação e Fitness*, n. 58, p. 18, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/227>. Acesso em: 8 dez. 2024.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

JAEGER, Angelita Alice. *Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo*. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2009.

JAEGER, Angelita. Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 955-976, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/fWFypmLtw8v6YbVB3qyVG4p/>. Acesso em: 8 dez. 2024.

KAYE, Kristin. *Iron maidens*. Nova York: Thunder's Mouth Press, 2015.

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 24, p. 157-172, jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/862/3895>. Acesso em: 8 dez. 2024.

LESSA, Patrícia; SANTOS, Iasmin. *Mestre Puma e Larissa Cunha: na história da musculação competitiva*. Curitiba: Appris, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

MONTENEGRO, Antonio. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTENEGRO, Antonio. Invenção do olhar. In: SIMSON, Olga. Rodrigues de Moraes von (Org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Unicamp/CMU, 1997. p. 197-

211.

PATHAI, Dafne. *História Oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz; 2010.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SABINO, Cesar. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). *Nu é vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-188.

SANTOS, Iasmin Leguissano dos. *Um estudo sobre o processo de profissionalização do fisiculturismo feminino brasileiro*. Dissertação. (Mestrado em Educação Física) – UFPel, Pelotas, RS, 2021.

SANTOS, Iasmin Leguissano dos; SANTOS, Patrícia Lessa dos. As Strongwomens da Belle Époque e a quebra do mito da fragilidade inata. *Koan*, Maringá, n. 5, p. 54-74, jul. 2017. Disponível em: <http://www.crc.uem.br/departamento-de-pedagogia-dpd/koan-revista-de-educacao-e-complexidade/edicao-n-5-dez-2017/edicao-n-5-dez-2017/as-strongwomens-da-belle-epoque-e-a-quebra-do-mito-da-fragilidade-inata>. Acesso em: 8 dez. 2024.

SCHWARZENEGGER, Arnold. *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SHILLING, Chris; BUNSELL, Tanya. The female bodybuilder as a gender outlaw. *Qualitative research in sport and exercise*, v. 1, n. 2, p. 141-159, 2009.

SILVA, Adriana Casini. Um zoom nos desafios metodológicos de fazer História Oral em tempos de pandemia: confluências e adaptações tecnológicas de uma investigação de História da Educação. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 153-172, 2022. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1271>. Acesso em: 16 jan. 2024.

SILVEIRA, Viviane. Corpos atletas: doping e políticas da Agência Mundial Antidoping (WADA-AMA). *Sociologias Plurais*, Curitiba, v. 2, p. 196-2019, 2014.

SILVEIRA; Viviane; RIGO, Luiz Carlos. O programa Passaporte Biológico: considerações sobre o governo dos atletas. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 495-506, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufg.br/index.php/Movimento/article/view/48211>. Acesso em: 8 dez. 2024.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WADA - AGÊNCIA MUNDIAL DE ANTIDOGEM. *Achados analíticos adversos relatados por laboratórios credenciados*. Montreal: WADA, 2016.

WINTERMANTEL, J.; WACHSMUTH, Nadine; SCHMIDT, Walter. *Doping cases among elite athletes from 2000 to 2013*. *Dtsch Z Sportmed*, v. 67, p. 263-269, 2016.

YOUNG, Iris M. *About the experience of the female body*. Nova York: Oxford University Press, 2015.

Fontes orais

CALEZARE, Keli [32 anos]. [abr. 2021]. Entrevistadora: Iasmim Leguissano dos Santos. Guaporé, RS, 23 abr. 2021.

GOMES, Valeska [27 anos]. [abr. 2021]. Entrevistadora: Iasmim Leguissano dos Santos. Manaus, AM, 12 abr. 2021.

LOBO, Carla [50 anos]. [abr. 2021]. Entrevistadora: Iasmim Leguissano dos Santos. Brasília, DF, 3 abr. 2021.

MARINS, Camile [37 anos]. [abr. 2021]. Entrevistadora: Iasmim Leguissano dos Santos. Saquarema, RJ, 12 abr. 2021.

RODRIGUES, Margarete [46 anos]. [abr. 2021]. Entrevistadora: Iasmim Leguissano dos Santos. Porto Alegre, RS, 15 abr. 2021.

SANTOS, Alessandra [26 anos]. [jun. 2021]. Entrevistadora: Iasmim Leguissano dos Santos. Santa Maria, RS, 6 jun. 2021.

SOUZA, Daiany [31 anos]. [maio 2021]. Entrevistadora: Iasmim Leguissano dos Santos. São Paulo, SP, 14 maio 2021.

Recebido em 28/02/2024

Versão final reapresentada em 08/07/2024

Aprovado em 12/07/2024

Contribuições dos autores: Santos: concepção da pesquisa, realização das entrevistas, análise de dados e redação; Goellner: análise de dados e redação; Santos: análise de dados e revisão crítica substancial do texto; Rigo: concepção da pesquisa, análise de dados e revisão crítica substancial do texto.

Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) (Capes) – Bolsa.

Conflito de interesses: nada a declarar.